

JEAN-LOUIS GUGLIELMI, *ESSAI
SUR LE DEVELOPPMENT
DE LA THÉORIE DU SA-
LAIRE.*

Prefácio de *Gerard Marcy* — Livraria
Recueil Sirey, 1945, Paris (IX e
421 págs).

teorias e as doutrinas econômicas. O teórico, dizia êle, é um sábio; enquanto que o doutrinador é um moralista. A teoria visa, unicamente, a verdade científica; a doutrina se dirige, necessariamente, a alguma concepção subjetiva dos fins do homem e da sociedade. A teoria tende à unidade; as escolas doutrinárias permanecerão múltiplas e serão tantas quantas forem as diferentes idéias filosóficas e morais dos homens. A doutrina pode constituir objeto da ciência (no sentido de que se pode analisar objetivamente e, parcialmente, o pensamento dos doutrinadores). Mas, a dou-

GAËTAN PIROU, cuja morte ocorrida no comêço de 1946 constitue uma perda inestimável para o ensino da Economia Política, na Universidade de França, não se fatigava de insistir sôbre a distinção que êle fazia entre as

trina não é obra de ciência, porque ela importa em julgamentos de valores, de normas de ação, que não têm jamais caráter científico⁽¹⁾.

É para ilustrar esta distinção, à qual dedicava tanta importância, que GAËTAN PIROU fundou uma coleção de "Estudos sobre a história das teorias econômicas", confiada à Livraria Sirey e uma outra, intitulada "As Doutrinas Econômicas" ⁽²⁾ a cargo da Livraria "Les publications techniques".

A obra de GUGLIELMI constitue o tomo IX da primeira destas duas coleções ⁽³⁾ que esperamos não sofra solução de continuidade em virtude da morte de GAËTAN PIROU. GUGLIELMI é um jovem economista provençal. O estudo que, presentemente, analisamos, é a sua primeira publicação, o seu lance de ensaio. Ele o apresentou como tese de doutorado à Faculdade de Direito da Universidade de Aix, que lhe conferiu título de doutor. Este grande trabalho histórico não representa do pensamento de GUGLIELMI senão a introdução a uma obra futura mais pessoal. GUGLIELMI se propõe a estudar o problema do salário e a desenvolver uma teoria do salário. Começou por onde todos os economistas deveriam começar: leu tudo o que tinha sido escrito antes sobre o assunto, remontando às origens. Leu na ordem que convém a um historiador: a ordem cronológica. A única que é real e, precisamente, uma ordem. Somos reconhecidos a GUGLIELMI por havê-la respeitado. Muitos historiadores das teorias e das doutrinas, que são mais teóricos e doutrinadores do que historiadores, preferem em lugar da ordem cronológica, as classificações racionais que, apenas, servem para estabelecer confusão, porque retiram da história a sua dimensão essencial: o tempo. Raramente o racional parece razoável. Nós reconhecemos, ainda, em GUGLIELMI um terceiro mérito: êle

(1) — cf. G. PIROU: *Doctrines sociales et science économique* e prefácio à 2.^a edição de sua obra *Introduction à l'étude de l'économie politique* (Paris, Sirey, 1946); H. GUITTON: *Le catholicisme social* (Paris, Sirey, 1945) e prefácio de GAËTAN PIROU; D. VILLEY: *Petite histoire des grandes doctrines économiques* (Paris, Presses Universitaires de France, 2.^a edição, 1946) e *Doctrines et science économiques* (Mélanges Gonnard, Paris, Pichon, 1946).

(2) — Nesta coleção apareceram: A. MURAT: *Le Corporatisme*; H. GUITTON: *Le catholicisme social*. Ela anuncia a aparição próxima de um estudo de ROBERTO GOETZ, *Le Syndicalisme*, e de um outro de G. MARCY; *Le Syndicalisme*.

(3) — Esta coleção já publicou as seguintes obras: H. BIAUJEAUD, *Essai sur la théorie ricardienne de la valeur*, 1934. H. DELPECH, *Essai sur la théorie autrichienne de l'imputation*, 1934. H. DENIS, *Les récentes théories monétaires en France*, 1938. H. GUITTON, *Economie Rationnelle. Economie positive. Economie synthétique*, de WALRAS a MOORE, 1938. F. OULES, *Le rôle de l'offre et de la demande et du marginalisme dans la théorie économique*. E. SILBERNER, *La guerre dans la pensée économique du XVII^e au XVIII^e siècle*, 1939.

não cedeu a esta ilusão de ótica que engrandece desmedidamente aos nossos olhos a importância dos autores mais modernos. Agradamos verificar que seu livro consagra a CANTILLON e a MARX tantas páginas quanto a HICKS e a LORD KEYNES. O modernismo em economia política — como, aliás, em tudo o mais — é sinal de estreiteza de espírito e de falta de verdadeira cultura.

GUGLIELMI leu muitíssimo. Certamente nem *todos os autores de que éle fala* — como imprudentemente o afirma, no seu prefácio, o professor GERARD MARCY, que, sem dúvida, não fez o cálculo do número das páginas e dos meses que seriam necessários para conseguir isso. Mas, tanto quanto poderia permitir a amplitude de sua matéria — o trabalho de GUGLIELMI é de primeira mão. Éle ressuscitou bons autores, relativamente esquecidos, como, por exemplo, o adversário dos fisiocratas GRASLIN, — cuja teoria reaparece original, fina e profética. Apresenta, igualmente, a revisão de certas interpretações correntes de grandes autores, que todos citam, mas bem poucos, de fáto, lêem, por exemplo STUART MILL e FRANÇOIS SIMIAND. Demoliu e substituiu por análises mais fiéis um certo número desses esquemas escolares que povoam de lendas nossa representação do passado da economia política.

GUGLIELMI não se contenta em analisar, conscienciosamente e inteligentemente, uns após outros, os autores. Éle tenta desenvolver uma linha geral da evolução das teorias dos salários. Ensaia, igualmente, descobrir, sob a diversidade das teorias e das suas formulações uma idéia conhecida que as sustente tôdas. A evolução da teoria do salário, segundo GUGLIELMI, é apresentada em três grupos, a que correspondem três partes do seu livro.

O primeiro grupo da teoria dos salários insiste sôbre a ligação do nível do salário com o volume global da produção. GUGLIELMI mostra que esta idéia é a base de tôdas as teorias clássicas do salário, desde ADAM SMITH e BASTIAT. Éle a encontra, ainda, no fundo das teorias da exploração de SISMONDI, ROBERTUS e MARX. Enfim, autores mais modernos, de HERMANN a PANTALEONI, têm desenvolvido uma explicação dinâmica do binômio “salário-produção”.

O segundo ponto da teoria faz depender o nível dos salários — não mais do volume global da produção, mas da produtividade específica do trabalho — de cada categoria de trabalho. Reagindo contra os clássicos, PAUL LEROY BEAULIEU, em França, WALKER, nos Estados Unidos, põe em evidência uma ligação empírica entre o salário e a produtividade do trabalho. Mas, logo, a análise mar-

ginalista vai permitir precisar esta concepção. Os austríacos, MARSHALL e J. B. CLARK medirão o valor do trabalho pela produção marginal específica do fator trabalho.

O terceiro grupo de "teorias" abrange as "teorias positivas" do salário, que pretendem resultar de estatísticas e não da dedução extraída de princípios estabelecidos "a priori". São elas, então, rigorosamente, "teorias"? Poder-se-ia, aqui, procurar em GUGLIELMI uma pequena chicana de palavras. Poder-se-ia, também, ficar surpreendido de achar nesta terceira parte, entre um capítulo consagrado aos estudos estatísticos de MOORE e de DOUGLAS, e um outro aos de SIMIAND, um segundo capítulo que trata, de "teorias" propriamente ditas, por exemplo, as de PIGOU, de HICKS, de ZEUTHEN sobre a influência das convenções profissionais e dos contratos coletivos sobre nível de salários. Em que as teorias são, de fato, *positivas*? Por que suas hipóteses sejam menos gerais e mais próximas da realidade que as hipóteses formuladas pela teoria clássica? Isto não as impede de continuarem a ser dedutivas e de procederem por meio de raciocínio, e não por elaboração de documentos estatísticos... GUGLIELMI quis fazer coincidir a ordem cronológica das doutrinas com uma classificação racional: se a matéria a isto se prestasse teria sido muito bom...

Ainda mais contestável do que a linha de evolução das teorias dos salários que GUGLIELMI apresenta, parece-nos a tentativa a que êle se aventurou para conciliá-las. GUGLIELMI acredita que, sob a divergência aparente das teorias do salário, se oculta uma unidade profunda. As oposições, em sua maioria, supõe êle, se prendem a diferença de planos, de pontos de vista, não de soluções.

Alguns consideram o salário coletivo, outros o salário individual; êstes adotam um quadro de raciocínio estático; aquêles fundamentam suas hipóteses em fatores dinâmicos. Os problemas apresentados, os "graos de abstração" diferem, não as conclusões essenciais (Reconhece -se, aqui, a influência sobre GUGLIELMI, que, talvez, não a tenha assimilado suficientemente, exercida pelas categorias preferidas de FRANÇOIS PERROUX).

GUGLIELMI afirma que tôdas as teorias do salário procedem de uma só idéia fundamental: a ligação entre o salário e a produção. As teorias do segundo e do terceiro grupo nada mais adiantam, entretanto, além de explicar e precisar melhor a intuição original, que já se achava compreendida nas teorias do primeiro. Pode-se perguntar, então, se existe, proventura, aí, uma descoberta. GUGLIELMI conduz todas as teorias do salário ao seu máximo divi-

sor comum. Mas, êste parece-nos muito pequeno. Êle está sempre disposto a pôr todo o mundo de acôrdo... com M. DE LA PALISSE. Como é freqüente na escola católica social, em que, manifestamente, se inspirou, GUGLIELMI se compraz em "ultrapassar" as oposições, em conciliar as téses rivais, em pacificar o campo da controvérsia, em conduzir à unidade aquilo que é plural e oposto. Ele, obedece a uma orientação espiritual que procede, evidentemente, com as mais puras intenções; mas a respeito de sua fecundidade continuam céticos todos aqueles que acreditam na discontinuidade essencial — ou existencial — do universo intelectual dos homens (4).

Da mesma fonte ideológica originam-se, sem dúvida, os desenvolvimentos um tanto compassados (felizmente encaixados na conclusão) que GUGLIELMI consagra à afirmação sôbre a necessidade de uma "meta econômica" do salário. O trabalho não é, somente, uma mercadoria; o salário não é, unicamente, um preço; ele não depende, unicamente, da teoria econômica, mas, ainda, e sobretudo, da justiça. Duvidava-se disso. Reafirmar não esclarece a questão. A dificuldade começa quando se trata de precisar as relações entre o aspecto puramente econômico e o aspecto jurídico-moral do salário. GUGLIELMI, no seu primeiro livro, não nos introduz ainda neste campo: mas, nem o título de sua obra, nem o da coleção de que ela faz parte o convidavam e lhe permitiam fazer isso.

Possuimos a história das teorias do juro, de BÖHM-BAWERK, e a tese de FRANÇOIS PERROUX sôbre o lucro. Mas, não existia, ainda, na literatura econômica mundial nenhuma história geral das teorias do salário. GUGLIELMI vem preencher esta lacuna. Sua obra é completa e séria. Com seu quadro analítico, seu índice alfabético das matérias, seu índice dos nomes citados, sua abundante bibliografia, seu quadro cronológico, ela constitue um notável instrumento de trabalho. Outros, sem dúvida, poderão trabalhar mais profundamente neste terreno, que êle, corajosamente, desbravou deixando, entretanto, ainda, alguns obstáculos a remover. Depois deste estudo histórico, consciencioso e básico, GUGLIELMI construirá, naturalmente, sua própria teoria do salário, que aguardamos com as mais vivas esperanças.

Daniel Villey

(4) — DANIEL VILLEY: *Le catholicisme social* (compt rendu critique d'un livre de M. HENRI GUITTON) — a aparecer, brevemente, na *Revue d'Economie Politique*.